

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS EM CAMETÁ: PERSPECTIVAS NEOLIBERAIS E(M) (DIS)CURSO

ENGLISH TEACHERS TRAINING IN CAMETÁ: NEOLIBERAL PERSPECTIVES IN
(DIS)COURSE

Lucas Rodrigues Lopes¹

<https://orcid.org/0000-0002-9936-3666>

Breno de Campos Belém²

<https://orcid.org/0000-0003-3280-4081>

Andrea Silva Domingues³

<https://orcid.org/0000-0002-9264-7754>

Resumo

Este artigo discute a formação de professores de língua-cultura inglesa Cametá/PA, considerando narrativas de professores formados no curso de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS). Entendemos que diferentes discursos atravessam a formação desses egressos, produzindo um sujeito-professor moldado por valores neoliberais. Adotamos, como aporte teórico-metodológico, os estudos do discurso de base foucaultiana para investigar como se dão as relações entre os dizeres de si de professores atuantes na cidade de Cametá/PA e o neoliberalismo face aos processos de formação e de ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa. Como

¹Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Faculdade de Letras - Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), na Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS). Realiza Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), na linha de pesquisa - Linguagens, Culturas e Formação Docente, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus de Campina Grande, financiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

²Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Ensino e Aprendizagem de Línguas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Faculdade de Letras - Língua Inglesa, na Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS).

³ Pós-doutora em Análise do Discurso pelo Laboratório de Estudos Urbanos (LABEUB), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em História pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Faculdade de Letras - Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) na Universidade Federal do Pará (UFPA), no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS).

resultados desta proposta, percebemos incidências discursivas neoliberais no modo como os formados concebem os processos de ensino-aprendizagem que (os) atravessam.

Palavras-chave: Formação de professores. Língua-cultura inglesa. Sujeito-professor. Análise do Discurso. Neoliberalismo.

Abstract

This article discusses English language-culture teachers training in Cametá/PA, considering the narratives of teachers who graduated from Letters degree course major in English Language at the Federal University of Pará (UFPA), Tocantins/Cametá University Campus (CUNTINS). We understand that different discourses permeate the training of this graduate, producing a subject-teacher shaped by neoliberal values. We used Foucauldian-based discourse studies as a theoretical-methodological approach to investigate the relationship between the narratives of teachers working in the city of Cametá/PA and neoliberalism in relation to the processes of training and teaching and learning English language-culture. As a result of this proposal, we noticed neoliberal discursive incidences in the way the graduates conceive of the teaching-learning processes that (they) go through.

Keywords: Teacher training. English language and culture. Subject-teacher. Discourse Analysis. Neoliberalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, como professores de um curso de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, temos nos debruçado sobre diferentes projetos de pesquisa, ensino e extensão para compreender, mais cabalmente, a formação de professores de língua-cultura inglesa em Cametá/PA. Isso tem nos oportunizado a reflexão a respeito dos diferentes discursos que atravessam a formação dos egressos da Faculdade de Letras - Língua Inglesa, na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), fazendo produzir um sujeito-professor por vezes moldado por valores neoliberais.

Assim sendo, temos como objetivo investigar como se dão as relações entre os dizeres de si de professores atuantes na cidade de Cametá/PA e o neoliberalismo face aos processos de formação e de ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa. Na primeira seção, traçamos algumas perspectivas sobre a noção de sujeito. Após isso feito, trataremos das nuances do neoliberalismo face à educação. Em seguida, empreendemos um percurso teórico-analítico em torno dos atravessamentos discursivos de formados em Letras, com habilitação em Língua Inglesa. Por fim, teceremos algumas possíveis considerações finais.

TECENDO ALGUNS FIOS SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO

A partir dos estudos propostos por Foucault (1997), entendemos a noção de sujeito como descentralizado, disperso, sendo historicamente construído, constituído pelo saber e pelo poder.

Dessa forma, o sujeito encontra-se na dispersão dos “diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que o sujeito pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (Foucault, 1987, p. 61). À vista disso, a constituição do sujeito relaciona-se intimamente às posições sociais que ele pode (des)ocupar e às relações de poder que atravessam essas posições.

Em se tratando da constituição do sujeito ser, de certo modo, preservada pelas posições por ele ocupadas, quando abordamos o sujeito-professor de língua-cultura inglesa, não estamos tratando de entes fixos, os quais produzem posições vazias. Pelo contrário, discutem-se subjetividades, que emergem em relação a uma posição, por conseguinte, estamos lidando com posições-sujeito. Dessa forma, considerando os estudos pecheutianos, concebemos a noção de posição-sujeito como a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito). Ratificando esse olhar, Foucault (1987, p. 59) discute que “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”, sendo assim, uma posição-sujeito não é preexistente ao discurso, mas é produzida, é materializada e pode ser apreendida nele.

Nesse sentido, trazemos as discussões de Cazarin (2015), que, ao tratar do conceito de sujeito, sustenta que diferentes posições-sujeito são coexistentes no interior de uma mesma formação discursiva, sendo, desse modo, passível a existência da heterogeneidade no interior de uma mesma posição-sujeito. Ela justifica que “também no interior de uma posição-sujeito há espaço para a contradição, própria de todo discurso. No entanto, essa contradição não é marcada pela divergência, e, sim, pela diferença possível em seu interior” (Cazarin, 2015, p. 5-6).

Assim, entendemos a posição sujeito-professor de língua-cultura inglesa como um “lugar social”, que os formados em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, ocupam, constituído historicamente e representado no discurso, correspondente, mas não equivalente, nem à presença física, nem a lugares objetivos da estrutura social.

Desse prisma, em relação aos alunos oriundos do curso de Letras - Língua Inglesa, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), corroborando as proposições de Grigoletto (2015, p. 4), refletimos que “o lugar que o sujeito ocupa na sociedade é determinante do/no seu dizer. No entanto, ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva e passa a ocupar, não mais o lugar do sujeito empírico, mas, sim, o de sujeito do discurso”. Com tal característica, nota-se que o lugar discursivo e o lugar social são mutuamente constituídos, complementares e interdependentes. Não se excluem, tampouco são postos como antagônicos, como alguns podem vir a pensar.

Nessa direção, consideramos que

[...] um sujeito entre línguas-culturas, lugar onde se mesclam e se confundem umas e outras, onde se apagam ou se embarçam os limites, contornos e as dicotomias arraigadas na cultura ocidental, da qual somos herdeiros e na qual somos prisioneiros. Assim, se constitui do e no desejo do Outro, transitando no espaço ilusório, construído entre a “sua” língua (também denominada língua

materna) e a língua do outro (chamada de segunda língua ou língua estrangeira) (Coracini, 2015, p. 11)

Por conta disso, no que concerne à noção de lugar, considerando o ponto de vista discursivo, não pensamos no sentido empírico, mas, sim, na esfera de efeitos de sentido emergentes nas/das práticas sociais e discursivas, uma vez que é pela relação do sujeito com a língua, que são construídos os lugares discursivos. Com isso, percebemos que a discursivização, isto é, o processo discursivo só se dá pela existência de uma determinação social que, como já abordado, institui determinados lugares, que podem ser ocupados pelos sujeitos.

Como, posteriormente, vamos analisar a formação de professores de língua-cultura inglesa no Baixo Tocantins, considerando as perspectivas neoliberais emergentes das/nas narrativas dos formados em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, neste momento, valemo-nos das asserções de Foucault (1997), em *Arqueologia do Saber*, quando faz uso do discurso médico como exemplo para que possa contextualizar as imposições normativas e institucionais, que controlam a emergência desse discurso. Em vista disso, o lugar social de médico lhe autoriza a ocupar determinadas posições no discurso.

Por conseguinte, evidencia-se que o lugar social, portanto, é uma espécie de ponto de apoio para a prática discursiva, entretanto ressalta-se que não se configura uma relação de qualquer discurso a uma unidade de sujeito homogênea, contínua, retratado por um lugar social único. Simboliza, então, diversas conjunturas, em lugares-outros, em múltiplas posições que o sujeito pode abarcar, ou ainda, quando faz funcionar um discurso, na descontinuidade dos planos do lugar em que fala.

Outrossim, torna-se relevante destacar que os lugares e posições são construções dadas na interioridade de uma certa formação social. Com isso, depreende-se que, com base em diferentes cenários, toma-se a formação social como um espaço empírico, comportando diferentes formações ideológicas, as quais interagindo com as relações de poder institucional, determinam, desse modo, o lugar social que o sujeito ocupa na sociedade.

Nessa esteira de discussão, aborda-se o sujeito do discurso como aquele que, concomitantemente, é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, bem como faz se inscrever e pode ocupar lugares sociais aos quais lhe foi autorizado. É nesse espaço empírico, atravessado por uma determinada formação social e ideológica, que o sujeito é cingido pelas relações de poder, determinando o movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se (des)identifica.

MATIZES NEOLIBERAIS E A EDUCAÇÃO: (DES)IDENTIFICAÇÕES DO SUJEITO-PROFESSOR

Tendo em vista às disciplinas de Estágio Supervisionado, voltado às séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, temos observado, a partir de relatos discentes, que a educação tem

se encarregado de uma função tática no cenário de uma sociedade neoliberal, já que tem como objetivo à formação de sujeitos inteiramente capazes de se autodesenvolver e autorregular a dominação de habilidades como inovação, resiliência e adequação aos novos desafios, que são apresentados cada vez mais intrincados em um cenário extremamente competitivo.

Nessa concepção, os sujeitos são domesticados nas técnicas de autogestão, no alcance de objetivos individuais, sendo silenciados diante dos vínculos que apontam para a coletividade. Fundamentados pelos estudos na área da Filosofia e da Sociologia por parte de Dardot e Laval (2016, p. 330-331), concebemos que os sujeitos se transformaram em “[...] especialistas em si mesmos, empregadores de si mesmos, inventores de si mesmos, empreendedores de si mesmos: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição”.

Assim, o sujeito neoliberal é governado por lógicas de mercado, que são inculcadas já na infância, reorganizando-se para estar preparado para lidar com as novas demandas formativas, desenvolvendo metodologias para suscitar em crianças e jovens o empreendedorismo, arquitetando um sujeito que possa assumir o controle de suas vidas na idade, atendendo às competências e habilidades apreendidas.

Em se tratando do modo como o indivíduo se molda e é moldado para operar sobre si de forma tática, planejada, pensada, salientamos que

A criação e o desenvolvimento de si mesmo “são uma “atitude social” que deve ser adquirida, um “modo de agir” que deve ser desenvolvido, “para enfrentar a tripla necessidade do posicionamento da identidade, do desenvolvimento de seu próprio capital humano e da gestão de um portfólio de atividades” (Dardot; Laval, 2016, p. 337-338).

Dessa forma, torna-se significativo considerar a formação ofertada pelo curso em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), como um dispositivo, que, por meio de práticas educacionais, busca o desenvolvimento e a realização de sonhos de forma criativa e inovadora. Essa faceta pode ser melhor visualizada nos próprios dizeres da página da Faculdade de Letras - Língua Inglesa:

O Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa, do Campus Universitário de Cametá, tem por meta formar educadores competentes na língua e cultura inglesas, capazes de assumir um posicionamento crítico e reflexivo que os leve a estabelecer relações dialógicas no âmbito de sua comunidade e além dela

(<https://www.campuscameta.ufpa.br/index.php/letras-ingles>).

Sendo assim, empreendendo uma breve análise discursiva em torno desse trecho da página 1 do site da subunidade acadêmica, podemos refletir a respeito do modo como o próprio licenciando é vislumbrado, já que o uso do substantivo “meta” traz para junto de si o efeito de sentido de que estamos em um campo de competitividade, com tarefas a serem cumpridas. Evoca-se o sentido, por meio do uso da palavra “meta”, a ideia de intuito, alvo e desígnio, aproximando

ao campo de batalha para se tornar alguém ao longo da vida. Além disso, “educadores competentes” também se aproximam de matizes neoliberais, já que tomam a educação como um campo de (re)produção de pessoas eficientes, capacitadas e qualificadas. Digno de nota como esse discurso pode vir fomentar o desenvolvimento de habilidades que estimulem os discentes desse curso se tornarem mais confiantes, resilientes, organizados e, de alguma forma, mais colaborativos, já que são categorias colocadas como algo a ser explorado para que possam alcançar a plenitude e o sucesso em suas jornadas.

Avançando um pouco mais, salienta-se que o crescimento do neoliberalismo se deu no início do século XX, em um contexto de crise liberal, sucedido por tensões internas provenientes do próprio regime. A respeito das democracias liberais, Dardot e Laval (2016, p. 323) pormenizaram-nas como “[...] regimes que, dentro de certos limites, permitiam e respeitavam um funcionamento heterogêneo do sujeito, no sentido que asseguravam tanto a separação quanto a articulação das diferentes esferas da vida”. Com base nos estudos propostos pelos dois, percebemos que é característico uma ruptura. Os autores apontam na representação do homem moderno em que, de um lado, está o sujeito dotado de direitos e de outro, o homem econômico, orientado pelos seus próprios interesses. Nessa dicotomia, reside a tensão do regime liberal, assinalando um desequilíbrio no qual o homem econômico leva vantagem.

À vista disso, em vertentes neoliberais, o sujeito é transposto à posição de protagonista, que, contrariamente ao modelo liberal, em que se priorizava a disciplina, esmiúça a subjetividade do sujeito, fazendo com que se sinta impelido a dar tudo de si para alcançar o patamar mais alto nas realizações de seus feitos. “Trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional” (Dardot; Laval, 2016, p. 327). A figura do sujeito é constantemente encorajada a assumir o controle da sua própria vida, inclusive, são observados discursos do fomento em torno do espírito empreendedor e que o levam a acreditar ser o único responsável pelo sucesso – bem como pelo fracasso – de sua trajetória.

Por conseguinte, no contexto educacional, temos visto a inserção do pensamento neoliberal na interface do diálogo com a pedagogia das competências. Com isso, respaldados pelos estudos de Saviani (2019), compreendemos que essa noção de competências tão emergente no campo educacional assinala a tese epistemológica do construtivismo, em que se defende o papel ativo do sujeito ao criar e modificar as representações do conhecimento. O modelo de Piaget, segundo Saviani (2019, p. 508), preconiza que “[...] a fonte do conhecimento não está na percepção, mas na ação [...]”, e que, nesse sentido, conduziria à noção de que a inteligência é uma construção. A proposta do construtivismo tem sido amplamente apropriada para reformulação de currículos escolares, inclusive no Brasil, a partir da década de 1990. Todavia, é bastante importante considerar alguns desdobramentos advindos de uma lógica reformista, na qual o fato de adquirir competências caracteriza-se como uma tarefa pedagógica a ser executada nos ambientes educacionais, com o objetivo de:

[...] maximizar a eficiência, isto é, tornar os indivíduos mais produtivos tanto em sua inserção no processo de trabalho como em sua participação na vida da

sociedade. E ser produtivo, nesse caso, não quer dizer simplesmente ser capaz de produzir mais em tempo menor. Significa, como assinala Marx, a valorização do capital, isto é, seu crescimento por incorporação de mais-valia (Saviani, 2019, p. 509).

Por esse lado, a pedagogia das competências exerce um papel fundante ao colaborar com um cenário em que a alta competitividade é latente. Sendo assim, a educação, na sociedade neoliberal torna-se um recurso utilitário ao serviço de mercado capitalista, oportunizando os interesses das elites hegemônicas em desfavor das classes oprimidas.

TRILHANDO CAMINHOS DISCURSIVOS EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA

Optamos pelas narrativas de si como exercício metodológico eminentemente favorável e promissor, já que buscamos articulações entre pesquisa e formação de professores de língua-cultura inglesa na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS). Acreditamos que as narrativas das histórias de vida dos professores funcionam como dispositivo para reflexão a respeito dos seus dizeres.

No que tange ao uso de narrativas de professores na intersecção de pesquisa e formação de professores, Alves e Gonçalves (2021, p. 92) apontam que

[...] parece certo que, só recentemente, o termo narrativa não nos transporta apenas para o mundo da literatura e da criação literária. Atualmente é já um dado adquirido que a narrativa se constitui como uma metáfora e o instrumento de um novo paradigma de entendimento, de observação e de compreensão psicológica e educativa.

Desse modo, a partir desse olhar, valorizam-se as narrativas de si como um recurso construído na comunicação com o outro, valorizando o caráter revelador da complexidade existente na vida humana. Bueno (2022, p. 20) insta-nos nesse sentido por afirmar que “a narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica”. De igual modo, trabalhar com narrativas de si é desenvolver um direcionamento, que visa ampliar o processo de autoconhecimento do todo e das partes atravessadas pela pesquisa e(m) (des)envolvimento. Sobre essa particularidade, entendemos que, com base nas proposições de Bruner (2021, p. 119), “uma das primeiras e mais naturais formas pela qual organizamos nossa experiência e nosso conhecimento é em termos narrativos”. Dessa forma, defendemos que se narrar é buscar em si uma organização de sua experiência vivida, é como escrever a si mesmo, constituindo-se como um dispositivo com (trans)(form)ações.

Nessa direção, entendemos a Análise do Discurso como uma teoria da interpretação, conforme Soares (2018), que tem como objeto o discurso, isto é, o ato de linguagem inserido em conjunturas sócio-históricas e ideológicas (Orlandi, 2009). Portanto, esse campo de estudos se

propõe a estudar o processo de produção de sentidos dispostos, levando em consideração a não-linearidade, mas dados por um caminho heterogêneo a partir do contexto no qual emerge.

Similarmente, a Análise do Discurso considera como objeto de estudo o discurso e, não, a língua, ou seja, toma como unidade de análise o texto, e, não, o signo ou frase. Orlandi (1986, p. 107) destaca que o texto é levado em consideração “não em seu aspecto extensional, mas qualitativo, como unidade significativa da linguagem em uso, logo unidade de natureza pragmática”. Esse será o percurso analítico, já que buscamos considerar a materialidade discursiva como objeto próprio.

Ainda, destacamos que, na Análise do Discurso, a linguagem não é caracterizada como um sistema abstrato, mas, sim, como um produto sócio-histórico. Ou seja, ela é o entrelaçamento da estrutura com o acontecimento, da forma com o conteúdo. Os sentidos das palavras não estão definidos, estáveis, transparentes, mas são construídos socialmente num dado momento histórico. Por conta disso, diz-se que a linguagem se apresenta como um processo e não como um produto acabado.

Consequentemente, considerando os estudos de Gregolin (2004), compreendemos que uma análise discursiva não se dá sistematicamente por separar de forma estável teoria e metodologia. Em razão disso, o objeto deve ser contraposto pela teoria. Aliás, a Análise do Discurso ocupa-se do processo de interpretação que consiste no emprego do instrumental próprio, ferramentas teóricas e metodológicas. Entre os conceitos mobilizados pela Análise do Discurso estão os de condições de produção, formação discursiva e formações imaginárias (Pêcheux, 1993; 2011). Sinteticamente, pode-se dizer que as condições de produção discursivas condizem com perspectivas sócio-históricas e ideológicas, sob as quais discursos emergem, fazendo com que os sentidos sejam produzidos. Ainda assim, Pêcheux (1993) apresenta a noção de discurso como “efeitos de sentido entre A e B” (Pêcheux, 1993, p. 81), assim dizendo, os sentidos são produzidos por sujeitos discursivos interpelados pela história e, por isso, pela ideologia. Agora, a noção de formação imaginária lida com as imagens projetadas no processo de produção do discurso, Pêcheux (1993, p. 82) destaca como o “feixe de trações que designam o lugar que A e B atribuem a si e ao outro”. Isso abrange, desse modo, a previsão das posições que os sujeitos ocupam, satisfazendo internamente as condições nas quais o discurso é produzido.

NARRATIVAS DE SI: O PROFESSOR DE LÍNGUA-CULTURA INGLESA NAS FILIGRANAS DO DISCURSO

A partir de nossos projetos de pesquisa, financiados pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), da Universidade Federal do Pará (UFPA), dentre os quais, destacamos PRO 6407-2023 – A produção do discurso e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos livros didáticos da cidade de Cametá-Pará; e PRO 6736-2023 – Os livros didáticos de língua inglesa adotados em escolas cametaenses: Representações negras, silenciamentos e apagamentos; temos traçado linhas de compreensão face à constituição do sujeito, de que modo age, como (se) diz e o

que diz, de que modo discursiviza suas crenças. Nesse sentido, temos objetivado o limiar entre três potenciais vetores - os saberes, as relações (de poder) e a ética.

Sendo assim, considerando os estudos propostos por Foucault (1985; 1993), nota-se que é inerente ao sujeito o cuidado de si, preceito pelo qual o indivíduo se ocupa de si mesmo. Em se tratando dessa particularidade, discute-se que [...] “em todas as sociedades, existem [...] técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre seus corpos, sobre suas almas, sobre seu próprio pensamento, a modificarem” (Foucault, 1993, p. 207).

Dessa maneira, a partir de tal perspectiva, vemos que essas técnicas visam atender proposições espaço-temporais, que apontam para cada época e cultura, ou seja, sob o sujeito há o exercício de poderes, especialmente, discursos que estabelecem modos de construção de um sujeito inserido em uma determinada época e sociedade, fixando o que é ético, bom e ideal. Sendo assim, a subjetividade é uma produção social e histórica.

Em se tratando de técnicas que dizem respeito à produção do sujeito contemporâneo, fundamentamos nossa visão nas proposições teóricas de Gentili (2016), Silva (2016), Gallo (2018) e Resende (2018), autores que apontam o surgimento de uma formação discursiva neoliberal, que engendra o formado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa.

Tendo esse cenário em mente, segundo Rago (2018), observa-se que, na governamentalidade do neoliberalismo, é construída uma verdade, que é pulverizada a todas esferas da vida humana pela lógica de mercado. É interessante perceber como o mercado torna-se o lugar em que a verdade é decantada, isto é, todo e qualquer comportamento é examinado e apreciado por prismas econômicos. Por conta disso, a lógica de mercado instaura valores em torno de ações competitivas e de concorrência, as quais fazem funcionar um modelo de laço social geral: “o empreendedorismo, a liderança, a iniciativa, a inovação, que no início do século XX eram atributos de poucos, agora passam a ser fenômenos de massas”.

Refletindo sobre estratégias discursivas neoliberais, Andrade (2018, p. 730) aponta que

Como capital humano, “o consumo ganha um novo sentido e uma nova finalidade, deixando de estar vinculado apenas com a satisfação imediata de necessidades e confundindo-se cada vez mais como investimento para retornos futuros. Como a economia e a administração definem quais as qualidades humanas mais valorizadas no mercado, essas ciências tornam-se relevantes na definição desse ethos de condução da vida em substituição à religião. A conversão do empreendedorismo em valor social conduz assim a um cuidado de si de tipo gerencialista que converte a vida em business e em que sucesso profissional e sucesso pessoal são inseparáveis e mensuráveis quantitativamente

Em vista disso, os tentáculos do neoliberalismo têm ido muito além da esfera da economia, tem funcionado também como uma ideologia, e o seu efeito na esfera discursiva acontece, como apontado por Gentili (2016), por conta de vigorosas estratégias de criação e disseminação de sentidos, as quais colocam em exercício sujeitos autorizados e defensores de seus projetos, como foi o caso do então ministro Paulo Guedes.

Também, de acordo Silva (2016, p. 168), pode-se entender que “O mercado e o privado são tomados como modelos de tudo o que é bom e eficiente, enquanto o estatal e o público são vistos como exemplares de tudo o que é ruim e ineficiente”. Para entendermos como a noção de sujeito é atravessada pela memória discursiva que o inscreve, recorremos a Grigoletto (2015, p. 5) que discute

[n]a passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Então, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico.

Por isso, compreende-se que, no percurso do lugar empírico para o discursivo, o sujeito já é tomado como posição.

Os participantes dos projetos já mencionados foram alunos do curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa, da Faculdade de Linguagem, da Universidade Federal do Pará (UFPA), do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS). O fato de terem sido alunos de um curso de licenciatura na universidade e, atualmente, ocuparem a função de professor de inglês em escolas na cidade de Cametá/PA provoca alguns deslizamentos (de sentido). Nesse respeito, os estudos de Lima (2015) demonstram que se indica um movimento de subjetividades de dois lugares-sujeitos, já que um trata do aluno do curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa, que tem como localização a Faculdade de Linguagem, e o outro, o sujeito-professor, que foi discente do curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa, mas, que, atualmente, exerce a profissão para a qual estudou. Com essas idas e vindas, destacamos que pode emergir uma ambiguidade entre as posições-sujeitos, já que Lima (2015) explica que essas podem ser complementares e parte fundamental da constituição da subjetividade daqueles que transitaram entre os lugares discursivos e empíricos. O aluno-professor participa de um lugar discursivo composto por ambivalências, em que jogos identitários são construídos, não sendo possível identificar lugares fixos, mas práticas discursivas que são identificadas em uma posição-sujeito e não em outra. Diante disso, entendemos que é preciso compreender a formação de professores de língua-cultura inglesa como um movimento em que entram em funcionamento a fluidez subjetiva e (des)identificações sobre as posições-sujeito aluno e professor de inglês, já que é inserido no entrelugar discursivo e social, já que ao se tornar professor não são apagadas suas várias dimensões identitárias, do mesmo modo que ser discente de um curso de licenciatura não invalida as outras subjetividades construídas historicamente em espaços da educação. Os recortes discursivos trazidos a seguir são oriundos de entrevistas realizadas com professores formados pela Faculdade de Letras – Língua Inglesa há pelo menos 10 anos, com idade entre 35 e 50 anos, sendo um dos entrevistados uma professora concursada efetivo; os outros dois atuam como contratados pelo município de Cametá/PA. Essas entrevistas ocorreram, no ano de 2023, considerando os projetos

já mencionados, buscando melhor compreender os efeitos de sentido e discursos que atravessam a formação de egressos do curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa.

Passemos aos recortes discursivos,

Recorte Discursivo 1 (RD1):

Eu tenho paixão pelo Inglês. Eu acho que é uma língua de sucesso. Quem fala a Língua Inglesa tem as portas abertas. Eu sempre digo aos meus alunos: Corra atrás, que o sucesso vem! Eu sempre falo para os pais sobre os investimentos na educação dos filhos. É investir para um futuro promissor!

A partir do RD1, podemos pensar a educação por meio do conceito foucaultiano de governamentalidade, ou seja, o ato de governar os outros, o de ser governado pelos outros e o ato de “governar-se” (Gallo, 2018). Na instituição escolar, torna-se indiscutível a noção de governo dos outros, já que existem princípios educativos estabelecidos previamente, orientando as ações discentes. Entretanto, a partir dos dizeres do sujeito-professor do RD1, observamos ser posto, em funcionamento, “o segundo aspecto destacado por Foucault: o governo de si mesmo. A prática educativa é também um processo de domínio de si mesmo, provocando uma dinâmica de produção subjetiva na qual nos implicamos diretamente” (Gallo, 2018, p. 211). Em se tratando de: “Eu acho que é uma língua de sucesso. Quem fala a Língua Inglesa tem as portas abertas, podemos refletir sobre o que bem retrata Veiga-Neto (2018, p. 43) [...] “aqueles que não querem entrar no jogo, ou que competem mal, ou que sempre perdem, ou que não sabem jogar, ou que são impedidos de jogar, ou que são roubados no jogo quando tentam jogar”.

Observemos o Recorte Discursivo 2 (RD2):

Eu sempre enfatizo a importância dos estudos e que vale a pena o esforço. Eu digo aos meus alunos que eu como professor de inglês sou um exemplo vivo de sucesso. Eu aprendi inglês na Faculdade! Eu vivo dizendo: Não aprender Inglês! Dominem o mundo! O mundo é de vocês!

Considerando o RD2, percebemos que ser professor de inglês é estar entre e assumir posições sociais e subjetivas um quanto tanto díspares, mas que se complementam, estabelecendo interdependência. O exemplo vivo de sucesso desse professor de língua inglesa retratado no RD2 é construído no ser aluno e no ser professor. É interessante constatar o modo como a representação de ensino-aprendizagem surge: “vale a pena o esforço”; como se a rigidez produzisse um conjunto de práticas exitosas. A partir disso, refletimos sobre como as práticas discursivas “ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm”. Veiga-Neto (2017, p. 114) discute que existe uma relação de complexidade entre a escola, o poder e o saber, sendo visto, sob a ótica foucaultiana, como peça chave na constituição das posições-sujeito, pois

essa instituição engendra “a correia (ao mesmo tempo) transmissora e legitimadora dos poderes que estão ativos nas sociedades modernas e que instituíram e continuam instituindo o sujeito”.

Por fim, analisemos o Recorte Discursivo 3 (RD3):

Aprendi com meus professores que é você quem faz o seu caminho! Os conhecimentos e diversas ferramentas existem e estão disponíveis a todos. Por isso, incentivo meus alunos a trilharem seus próprios caminhos, com sabedoria, de forma individual, e com consciência em relação ao futuro!

Com base no RD3, chamamos à atenção o fato de que todos devem estar preparados de forma constante e permanente. Percebe-se que, pela dinâmica neoliberal, ter (e ser uma pessoa de) sucesso é uma coisa que depende apenas do aluno, não são consideradas outras variáveis que atravessam o espaço escolar. Além disso, nessa direção, ninguém é igual a ninguém, há que o individualismo é traçado como marca promissora.

TECENDO ALGUMAS BREVES (IN)CONCLUSÕES

Entendemos que o processo de formação de professores é complexo e, por diversas vezes, permeado por contradições. Entretanto, mesmo cientes dessas contradições, que compõem as idas e vindas do contínuo de formação, é preciso (des)(re)construir.

Vimos que o funcionamento do neoliberalismo se dá, quando valores do capital são introjetados, materializando ações. Para que o neoliberalismo cumpra com sua predisposição é preciso que todos sigam o ditame desse viés individualista.

Em se tratando do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa também observamos que há discursos que nos tornam sujeitos de nossas narrativas, enquanto educadores. Não obstante, é preciso considerar que o campo educacional é recheado de relações de poder assimétricas, fundantes no acesso ao conhecimento. Ter acesso ao ensino-aprendizagem de uma língua-cultura é ter acesso a um outro patamar, por assim dizer, mas os discursos que circundam tal prática requerem reflexão crítica. Isso é posto, visto que inúmeras vezes saber falar a língua inglesa traz a impressão de que se adquiriu sucesso e felicidade, elencando-se o sinônimo de sucesso, instaurando um abismo entre aqueles sujeitos de sucesso e os fracassados.

Nessa direção, reconhece-se o poder do discurso escolar em torno de ajudar a criar o imaginário de que ter conhecimento de uma língua leva ao sucesso concreto. Por conta disso, é preciso um trabalho mais minucioso com os alunos de cursos de licenciatura em Letras, com habilitações diversas no que tange ao poder de ensino-aprendizagem de uma língua e elevação do status econômico, já que os trabalhos bem remunerados, inclusive no exterior, são restritos a uma parcela da população.

Por fim, para publicações futuras, refletiremos sobre o funcionamento dos corpos, quando ensinam e aprendem língua-cultura inglesa no âmbito escolar, já esses corpos servem como suporte de um discurso, que só é existente, quando são inscritos na história.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Ferreira; GONÇALVES, Óscar Ferreira. **Educação narrativa de professores**. Coimbra: Quarteto, 2021.
- ANDRADE, Daniel Pereira. Economização, Valores Morais e Democracia. In: RESENDE, Haroldo de. (org.). **Michel Foucault – a arte neoliberal de governar a educação**. 1ed. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 67-76.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 04 de abr. 2024.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- CAZARIN, Ercília Ana. A heterogeneidade discursiva de uma posição-sujeito. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. 2015. Disponível em: www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/ercilia.pdf. Acesso em: 5 abr. 2024.
- CORACINI, Maria Jose. (Org.) **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária. 2015.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade. **Revista de Comunicação e Linguagem**. Lisboa, n.19, 1993, p.203-223.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso do Collège de France (1975-1976)**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GADELHA, Sylvio. Empresariamento da sociedade e da educação: o complexo corpo-subjetividade do homoeconomicus neoliberal, o imperativo da alta performance e seus efeitos. In: RESENDE, Haroldo de (org.). **Michel Foucault – a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018.

GALLO, Sílvio. A escola: problema filosófico. São Paulo: Parábola, 2018.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo. (org). **Escola S.A. quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, 2016, p. 9-49.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 65-110.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. 2015. Disponível em: www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/evandra.pdf . Acesso em: 5 abr. 2024.

LIMA, Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida. Entre o discurso e a gramática: um movimento da construção da identidade do aluno de Letras. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. 2015. Disponível em: www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Fernanda. Acesso em: 5 abr. 2024.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A análise do discurso: algumas observações**. D.E.L.T.A., vol. 2, nº1. São Paulo, fev. 1986, p. 105-126.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993. p. 59-158

SAVIANI, Dermeval. O Neoprodutivismo e suas variantes: neo escolanovismo, neoconstrutivismo, neotecnicismo. In: SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2019.

RAGO, Margareth. (In)utilidade e exclusão: o extremo do neoliberalismo e o futuro do humano. In: RESENDE, Haroldo de. (org.). **Michel Foucault – a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018.

RESENDE, Haroldo de. (org.). **Michel Foucault – a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O projeto educacional da nova direita e a retórica da qualidade total. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo. (org). **Escola S.A. quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, 2016, p. 167-188.

SOARES. Thiago Barbosa. **Percorso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. Neoliberalismo e educação: os desafios do precariado. In: RESENDE, Haroldo de. (org.). **Michel Foucault – a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018

Recebido em: 14 de maio de 2024

Aprovado em: 26 de julho de 2024